

A didática nos cursos de formação de professores

Nota introdutória

Os trabalhos aqui reunidos foram elaborados por professores da área de Didática da FEUSP, com o propósito de oferecer uma contribuição ao debate em torno da especificidade da disciplina e seu papel na formação de professores, a partir da atuação que têm nos cursos de Graduação – Pedagogia e Licenciatura – e de Pós-graduação.

Esses textos foram apresentados em dois painéis, sendo um por ocasião da 6ª Conferência Brasileira de Educação (CBE), realizada em São Paulo, em setembro de 1991, e outro no VI Encontro de Didática e Prática de Ensino/II Encontro dos Países do Cone Sul sobre Formação do Educador (ENDIPE/ECON-SUL), realizado em Porto Alegre, em dezembro do mesmo ano.

O conjunto inicia-se com o texto "A Didática na Formação de Professores: uma revisão", de autoria da professora Belmira Oliveira Bueno, que introduz o tema, seguido de outros três textos que se dedicam a expor e discutir propostas para cada um dos cursos.

Esses textos foram elaborados por um ou mais professores e contaram, em alguns casos, com a colaboração de outros. Assim, o texto "Questões de Teoria de Ensino: uma proposta para o curso de Pedagogia" é de autoria das professoras Denice Barbara Catani, Helena Coharik Chamlian, Elsa Garrido e Belmira Oliveira Bueno. O texto "A Didática na Licenciatura" é de autoria da professora Selma Garrido Pimenta, que recebeu a colaboração das professoras Marli Afonso André e Sonia T. de Sousa Penin. E o texto "Didática e Formação de Professores de 3º Grau" é de autoria do professor Marcos Tarciso Masetto, que recebeu colaboração da professora Nympha Alvarenga Sipavicius.

A didática nos cursos de formação de professores – uma revisão

Belmira Oliveira BUENO*

Introdução

Constituindo-se este painel de trabalhos que apresentam propostas de ensino de Didática para diferentes cursos de formação de professores, julguei oportuno, na condição de coordenadora, apresentar alguns elementos que pudessem servir de ponto de partida, ou como pano de fundo, para as discussões e avaliação posteriores de tais propostas.

Esses elementos foram buscados no conteúdo de alguns trabalhos apresentados nos seminários "A DIDÁTICA EM QUESTÃO", nos quais se discutiu o papel da Didática e a questão da sua especificidade. A escolha recaiu sobre textos apresentados em painéis, notadamente aqueles que centralizaram e ao mesmo

(*) Professor Doutor do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da FEUSP.

tempo direcionaram grande parte das reflexões e pesquisas que se produziram na área de Didática ao longo desta década.

Análises ou revisões deste tipo já foram feitas em diversas ocasiões. Penso, porém, que teremos que repeti-las, ainda, por diversas vezes, ao menos enquanto os problemas postos naqueles eventos não tiverem sido suficientemente superados. Nesse sentido, esperamos que este exame, embora, sucinto, possa servir como uma revisão dos esforços que têm sido realizados em direção ao estabelecimento da Didática como disciplina científica – e à busca, de sua identidade, e dos esforços que igualmente têm sido feitos para discutir o seu papel nos cursos que formam professores.

Redefinindo a didática, revendo o seu papel

Ainda que as primeiras tentativas de redefinição do campo da Didática tenham ocorrido em 1972, por ocasião I ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE DIDÁTICA, foi somente a partir do início da década seguinte que esta questão ganhou impacto e maior relevância.

Para ser breve quanto a lembrar porque a força da idéia de rever a Didática só veio a ocorrer nos anos 80, menciono parte do que disse Vera CANDAU, na abertura do I Seminário "A DIDÁTICA EM QUESTÃO", em 1982:

"Nos últimos anos, a problemática educacional brasileira tem sido objeto de muitos estudos. Uma abundante literatura tem sido produzida com o objetivo de analisar criticamente diferentes aspectos da organização educacional e da prática pedagógica. Esta literatura tem provocado um significativo impacto, principalmente no mundo universitário, e a necessidade de uma revisão profunda da formação dos educadores se faz cada vez mais evidente.

"No entanto, se muitas das disciplinas que estudam o processo educativo – filosofia da educação, política educacional, história da educação brasileira, etc. – estão passando entre nós por uma verdadeira reelaboração crítica, outras – nas quais incluímos a didática – parecem manter sua formulação habitual, contentando-se em reafirmar teorias e modelos, em geral gerados em outros contextos sócio-culturais, sem desenvolverem um esforço sistemático de produção de conhecimentos a partir da análise da problemática específica do nosso sistema educacional". (CANDAU, 1982:10).

A necessidade de rever a Didática, entretanto, não se impunha apenas como forma de acompanhar o ritmo de revisão de outras disciplinas. Mais do que isto, residia nos apelos e desafios que a escola de 1º e 2º graus, uma vez expandida mas apresentando índices alarmantes de evasão e repetência, estava a fazer a todos quantos trabalhavam com a formação de professores. Neste sentido, não era mais aceitável supor uma Didática formada por um conjunto de normas e prescrições abstratas que pudessem ser aplicadas em qualquer tempo, em qualquer lugar e para quaisquer alunos. Era necessário rever o seu conteúdo e o seu papel à luz dos problemas concretos e prementes que tínhamos que enfrentar, principalmente, face às acusações de sua inocuidade nos cursos de formação de professores.

O processo de revisão inicia-se, então, como que numa forma de "passar tudo a limpo". As primeiras análises começam por evidenciar o caráter excessivamente técnico da Didática, denunciando a falsa neutralidade dos seus conteúdos, "o silenciar da dimensão política" e a sua desvinculação/descompromisso com os problemas reais da prática pedagógica cotidiana. Afirma-se, com isto, a idéia da impossibilidade de se desenvolver uma pedagogia que não seja politicamente orientada e comprometida com uma determinada ordem ética e valorativa, de vez que a educação, nessa perspectiva, é vista como um projeto histórico, produzida no âmbito das múltiplas determinações sócio-políticas, culturais e econômicas.

Tais análises, no entanto, mais do que centrar-se em denúncias tinham vista refletir sobre caminhos alternativos para a educação e a ação pedagógica. Deste modo, apesar da ênfase sobre a dimensão política da prática pedagógica há uma preocupação em se afirmar a multidimensionalidade do processo educativo que se dá na sala de aula.

Ou seja, "o processo de ensino-aprendizagem, para ser adequadamente compreendido, precisa ser analisado de tal modo que articule consistentemente as dimensões humana, técnica e político-social" (CANDAUI,1982:17). Quem formula essa proposição é Vera CANDAUI, procurando sintetizar na defesa de uma Didática Fundamental as idéias e princípios básicos defendidos por grande número de outros educadores, na época.

Na perspectiva das múltiplas análises que são elaboradas no I Seminário "A Didática em Questão" e têm prosseguimento nos Seminários seguintes, a proposta de construção da Didática é formulada em termos de um compromisso com a transformação social. Esta é a idéia forte, nova, na verdade, o próprio objetivo do projeto que redireciona a partir de então as discussões sobre o papel da disciplina e dá a tônica de grande parte das propostas de ensino e de pesquisa que se desdobram até hoje. Do ponto de vista da operacionalização de uma Didática comprometida com a transformação social, propunha-se que a prática pedagógica fosse contextualizada, partindo-se da análise das práticas concretas que tomam lugar na sala de aula, como de seus determinantes, procurando pensar também as dimensões técnica e humana; e que a reflexão didática explicitasse os pressupostos subjacentes às diferentes metodologias e o contexto em que foram geradas. A reflexão a partir da prática deveria ser, além disto, um contínuo processo de realimentação da teoria que, por sua vez, retornaria à prática, esclarecendo-a e transformando-a. Em outras palavras, a dualidade teoria - prática deveria ser superada através de uma dialética que concebesse e trabalhasse ambos os elementos de forma integrada e unitária. O compromisso com a transformação social deveria, por fim, desenvolver práticas pedagógicas compatíveis e adequadas às necessidades específicas da maioria da população, o que, forçosamente, impunha uma revisão do conceito de eficiência.

O papel da Didática estava, nestes termos, redefinido. Mas permanecia ainda impreciso e, por vezes, confundindo-se com o papel das demais disciplinas que compõem o currículo dos cursos que formam professores. Isto era compreensível, à medida que a tarefa de rever o papel da Didática implicava no exame do seu estatuto científico e da sua autonomia enquanto disciplina acadêmica, o que, por sua vez, requeria uma definição precisa do seu objeto de estudo. Ora, estas tarefas estavam também sendo iniciadas. Razão pela qual não era ainda possível que delas viesse luz suficiente para esclarecer as imprecisões e ambigüidades decorrentes da própria falta de contornos da Didática como área de conhecimento.

Vejamos, pois, a seguir, quais os esforços que se fizeram nessa direção, a partir dos primeiros seminários.

Redefinindo o campo da didática, revendo o seu objeto de estudo

Penso não ser impreciso afirmar que uma das contribuições mais significativas no âmbito dos esforços que se fizeram até o momento para se discutir o estatuto científico da Didática veio da professora Magda Becker SOARES. Curiosamente, uma pesquisadora de outra área mas, talvez por isso mesmo, autorizada para fazer comparações e capaz de perceber onde residem as principais dificuldades da Didática para se estabelecer como disciplina. Por esta razão centrei-me aqui, quase que exclusivamente, nas análises dessa autora.

O ponto de partida de SOARES são as próprias origens da Didática. Tal como observou, esta disciplina organizou-se desde o início como um corpo de doutrina e de prescrições, inversamente ao curso seguido por outras disciplinas. "Uma área de conhecimento, diz ela, se constitui, em geral, através de uma conquista progressiva: incluída, inicialmente, num conjunto maior, a área vai tendo definidos seus contornos, à medida que se individualiza pelo desenvolvimento de pesquisas e pelo aprofundamento de estudos, aquelas e estes conduzidos à identificação e delimitação de uma especificidade de objeto e de metodologia que acaba por conferir-lhe autonomia e independência." Quanto aos princípios e normas de orientação da prática de cada área, explica que estes "surgem do movimento dialético pelo qual elas se constituem: uma teoria que se constrói a partir da pesquisa e reflexão sobre a prática, e que a esta volta, para esclarecê-la e aperfeiçoá-la, e para nela intervir. Toda técnica é fruto de uma ciência que, por sua vez, é fruto da interação teoria-prática". Dando uma série de exemplos, mostra que a Didática começou por onde as outras disciplinas terminaram - pela

regras prescritivas, pela técnica – e não "por uma conquista progressiva de autonomia, através de pesquisas e reflexão que conduzissem à identificação e delimitação de sua especificidade". (SOARES, 1983:31-33).

A seu ver, este é o principal problema da Didática. Por isso, propunha que a revisão da disciplina buscasse uma reflexão sobre a sua própria história, a partir do que poder-se-ia redirecionar essa mesma história. Isto equivalia a começar a revisão pelo exame do seu objeto de estudo.

Assim, contra as certezas reinantes até então, Magda SOARES põe em dúvida, no Seminário de 83, que o processo ensino-aprendizagem seja, de fato, o objeto de conhecimento da Didática. Questiona a maneira de apresentar esse objeto sob a forma de um binômio, "que ou faz supor que o ensino necessariamente resulta em aprendizagem, o que não é verdade, ou delimita erroneamente o objeto da Didática determinando que ele é apenas aquele processo em que ensino e aprendizagem estejam indissolivelmente ligados" (id. p. 34) E, mesmo supondo que este fosse o objeto da Didática, pergunta se seria possível pensar o processo ensino-aprendizagem na forma intransitiva, ou seja, desvinculado dos conteúdos que se aprende. Este ponto ela iria aprofundar melhor no Seminário de 85, defendendo, ao lado de outros, a tese de que não existe uma Didática Geral mas, apenas as Didáticas Especiais.

No entanto, é ela mesma quem inicia a tarefa de esclarecimento do objeto de estudo da disciplina. Encaminha a questão, dizendo: "A imprecisão na definição do seu objeto próprio, a dificuldade (impossibilidade?) de dissociar esse objeto – o processo ensino-aprendizagem – do conteúdo que é ensinado-aprendido e, ainda, a tradição normativa, prescritiva da Didática talvez expliquem o fato de ela ser, estranhamente, uma área de conhecimento que não desenvolve pesquisa com o objetivo de examinar e esclarecer o fenômeno que define como especificamente seu". (id. p 35-36).

Suas análises prosseguem, mostrando a inviabilidade de a Didática ter o processo ensino-aprendizagem como seu objeto. Para ela, o fenômeno especificamente didático é a aula, "bastante restrito e delimitado, de modo a poder constituir-se em objeto de uma ciência, e bastante amplo para não deixar escapar nenhum dos elementos que compõem as situações de educação formal e sistematizada para as quais a Didática se volta". (id., p. 36-37).

É em função deste ponto de vista que a professora insistia, na época, sobre a importância de se desenvolver aqui, entre nós, à semelhança de outros países, uma linha de estudos e pesquisas sobre a aula. Estava a se referir às pesquisas desenvolvidas por especialistas de diferentes áreas – sociólogos, psicólogos sociais, lingüistas, antropólogos – nas quais a aula é vista como um espaço onde se dá a interação simbólica entre professor e alunos, sob diversas influências, que cabe à próprias pesquisas investigar como se dão e ocorrem.

A partir dos questionamentos feitos por Magda Becker SOARES, praticamente não se afirma mais que o objeto de estudo da Didática e o processo ensino-aprendizagem. As imprecisões ou ambiguidades, no entanto, persistem. Uns afirmam, como ela, ser a aula, ou a sala de aula; outros, o ensino, o processo de ensino ou as situações de ensino; e outros, ainda, a relação pedagógica. De qualquer forma, há que se reconhecer um significativo progresso na elucidação da questão. Seu devido esclarecimento só poderá ocorrer, no entanto, através do progressivo acúmulo de pesquisas, se entendermos, como ela, que é por este meio que cada área de conhecimento vai delineando os seus contornos e ganhando a sua identidade.

As análises apresentadas por José Mário AZANHA e Nélio PARRA, no Seminário de 85, vieram juntar-se aos questionamentos de SOARES e, a partir de então, o binômio ensino-aprendizagem praticamente se desfaz. Doravante, observa-se um cuidado em se considerar e tratar como distintos o processo de ensino e o processo de aprendizagem. O que não deixa de ser também índice de maior precisão na área.

Balanco final

Este exame retrospectivo talvez nos permita, agora, aquilatar melhor os avanços realizados em cada direção.

Quanto à tarefa de redefinir a Didática – seus objetivos, seu conteúdo, seu papel parece não haver dúvidas quanto às mudanças ocorridas. Entretanto, e como era de se esperar, estas não ocorrem de forma homogênea. Enquanto os programas refletem mais fielmente as linhas de ação propostas e recomendadas nos encontros e seminários, na prática os professores continuam, muitas vezes, sem saber como concretizar os princípios que teoricamente defendem ou apregoam. A pesquisa realizada por Ilma P. Alencastro VEIGA – A prática pedagógica do professor de Didática – oferece um retrato detalhado desta situação. (VEIGA, 1989). Ela mostra, por exemplo, que posturas conservadoras, acrílicas, repetitivas, ou o *laissez-faire* pedagógico, ainda persistem; bem como a dicotomia teoria-prática, o unilateralismo (predominância da forma em detrimento do conteúdo ou vice-versa), o tecnicismo e o politicismo, que passou a ocorrer em decorrência da ênfase sobre a dimensão política da Didática. Por outro lado, é essa mesma autora quem mostra que outros professores são capazes de desenvolver posturas alternativas, que se traduzem na sala de aula numa "atitude de compromisso e empenho pela realização de um trabalho mais efetivo com seus alunos", a partir "da compreensão do que a escola representa para as camadas mais pobres da população" (id., p.156)

Esses e outros elementos oferecidos por VEIGA revelam que as mudanças a serem operadas na prática pedagógica passam por um processo que vai além do entusiasmo ou endosso das idéias e propostas. Elas implicam numa atitude de compromisso com a educação e de reflexão sobre a sua própria experiência. Tentar dizer mais, seria acreditar que a regra garante o êxito no ensino. O que é suficiente para nos darmos conta dos desafios que o ensino da disciplina apresenta.

Em termos do exame sobre o estatuto científico da Didática e da definição do seu objeto de estudo, os avanços havidos dizem respeito, sobretudo, ao grande volume de pesquisas que foram produzidas, no período, sobre: ensino; sala de aula; processos de produção, de construção e de socialização do conhecimento na escola; práticas pedagógicas, etc. Essa produção e acúmulo de conhecimentos, a meu ver, contribuirá para o amadurecimento de questões da Didática que ainda permanecem em aberto. Mas, um grande trabalho de classificação, de análise e de síntese dessas produções, necessário para equacionar os reais avanços e subsidiar as questões de natureza epistemológica, ainda está por ser feito.

A educação, entretanto, é uma prática permanente, que não pode esperar as conquistas da ciência para poder se realizar. Os problemas cotidianos nos cobram atitudes e medidas e nos impelem, deste modo, a fazer ou refazer propostas. Estas, em maior ou menor medida, também são formas de investigação. Por isto, é muito possível que também tenham um papel importante na elucidação das questões que dizem respeito ao campo e ao objeto de estudos da Didática.

É por isto que estamos aqui. Para apresentar as nossas propostas e submetê-las ao debate.

Referências Bibliográficas

- AZANHIA, José Mario Pires. *Uma reflexão sobre a didática*. In: SEMINÁRIO A DIDÁTICA EM QUESTÃO, 3, São Paulo, 1985. Atas. São Paulo, Fac. Educação, USP, 1985, v.1, p. 24-32.
- CANDAU, Vera M.F. *A didática e a formação de educadores*. In: SEMINÁRIO A DIDÁTICA EM QUESTÃO, 1, Rio de Janeiro, 1982. Anais. Rio de Janeiro, PUC, 1982, p. 15-33
- PARRA, Nélío. *Didática: dos modelos à prática de ensino*. In: SEMINÁRIO A DIDÁTICA EM QUESTÃO, 3, São Paulo, 1985. Atas. São Paulo, Fac. Educação, USP, 1985.
- SOARES, Magda. B. *O momento atual da revisão da Didática*. In: SEMINÁRIO A DIDÁTICA EM QUESTÃO, 2, Rio de Janeiro, 1983. Anais. Rio de Janeiro, PUC, 1983.
- SOARES, Magda B. *Relação entre a Didática e as disciplinas de conteúdo*. In: SEMINÁRIO A DIDÁTICA EM QUESTÃO, 3, São Paulo, 1985. Atas. São Paulo, Fac. Educação, USP, 1985.
- VEIGA, Ilma P.A. *A prática pedagógica do professor de Didática*. São Paulo, Papyrus, 1989.